

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE TERAPIA OCUPACIONAL
CURSO DE TERAPIA OCUPACIONAL

Thais Cristina Santos Melo
Rosana Strauss da Rosa

**PERCEPÇÕES E DESAFIOS NA IMPLANTAÇÃO DE GRUPO
PSICOEDUCATIVO: UMA EXPERIÊNCIA COM UM SERVIÇO DE
ACOLHIMENTO INFANTIL**

Santa Maria, RS
2021

**Thais Cristina Santos Melo
Rosana Strauss da Rosa**

**PERCEPÇÕES E DESAFIOS NA IMPLANTAÇÃO DE GRUPO
PSICOEDUCATIVO: UMA EXPERIÊNCIA COM UM SERVIÇO DE
ACOLHIMENTO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Terapia Ocupacional na
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM,
RS), como requisito parcial para obtenção do
título de **Bacharel em Terapia Ocupacional**

Orientadora: Prof^a Dra^a Dani Laura Peruzzolo

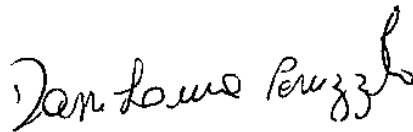
Santa Maria, RS
2021

**Thais Cristina Santos Melo
Rosana Strauss da Rosa**

**PERCEPÇÕES E DESAFIOS NA IMPLANTAÇÃO DE GRUPO
PSICOEDUCATIVO: UMA EXPERIÊNCIA COM UM SERVIÇO DE
ACOLHIMENTO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Terapia Ocupacional na
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM,
RS), como requisito parcial para obtenção do
título de **Bacharel em Terapia Ocupacional**

Aprovado em 10 de setembro de 2021:



Dani Laura Peruzzolo, Dra. (UFSM)
(Presidente/Orientador)



Kayla Araújo Ximenes Aguiar Palma, Dra. (UFSM)



Tânia Fernandes da Silva, Dra. (UFSM)

INTRODUÇÃO AO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Esse estudo apresenta um relato de experiência das alunas pesquisadoras, as quais ministraram uma capacitação online para mães sociais em uma instituição de acolhimento infantil. A proposta surgiu devido a Pandemia de COVID-19, doença causada pelo vírus SARS-CoV-2, motivo pelo qual o distanciamento social passou a ser uma das estratégias de prevenção da doença.

O tema inicial deste trabalho de conclusão de curso, nomeado “O Desenvolvimento Neuropsicomotor de Crianças em Acolhimento Institucional na Primeira Infância”, surgiu do interesse de uma das alunas pesquisadoras em compreender como se dá o desenvolvimento de crianças em acolhimento institucional.

Inicialmente, o trabalho consistia em uma pesquisa em que crianças de 0 a 3 anos de uma instituição de acolhimento infantil, da cidade de Santa Maria/RS, teriam o seu desenvolvimento neuropsicomotor avaliados e também seria aplicada uma entrevista com as mulheres que são as principais cuidadoras destas crianças, as chamadas “Mães Sociais”. O estudo tinha como objetivo principal, identificar quais recursos materiais e humanos/pessoais existiam para prover o desenvolvimento neuropsicomotor de crianças em acolhimento institucional na primeira infância.

Com o surgimento da pandemia, o projeto de pesquisa sofreu alterações. As alunas pesquisadoras que tinham trabalhos individuais, mas com temas muito próximos, resolveram reunir suas ideias em um só estudo. Desta forma, as mesmas desenvolveram a “I Web Capacitação em Instituição de Acolhimento Infantil: o desenvolvimento infantil e o cuidado ao cuidador”. Esta ação, bem como o seu resultado e análise, seriam apresentados na modalidade de artigo.

Somando todas as dificuldades enfrentadas durante a execução da I Web Capacitação (que serão apresentados posteriormente), as alunas juntamente com a orientadora, resolveram produzir outro tipo de reflexão: relatar a experiência de sustentar de forma não presencial uma capacitação e produzir, também de forma não presencial, estratégias de abordagem do tema cuidado com o cuidador para a população em questão.

Então, este TCC é apresentado a seguir, a partir das ações desenvolvidas desde o primeiro contato até o final da capacitação. Discute-se o processo prático vivido pelas duas alunas pesquisadoras e a importância para a formação como terapeutas ocupacionais.

PERCEPÇÕES E DESAFIOS NA IMPLANTAÇÃO DE GRUPO PSICOEDUCATIVO: UMA EXPERIÊNCIA COM UM SERVIÇO DE ACOLHIMENTO INFANTIL

Thais Cristina Santos Melo, Rosana Strauss da Rosa, Dani Laura Peruzzolo

RESUMO

O papel das mães sociais dentro do serviço de acolhimento infantil é crucial para o desenvolvimento dos bebês/crianças que estão inseridas neste contexto. Dessa forma os grupos psicoeducativos podem ser um dos caminhos para a manutenção da qualidade deste tipo de assistência e pensando em todo o trabalho realizado por estas mulheres, as quais dedicam o seu tempo a cuidar do outro, ofereceu-se um espaço de abordagem dos temas sobre desenvolvimento infantil e do cuidado com o cuidador para um grupo de mães sociais de uma instituição de acolhimento infantil. Este trabalho é de caráter qualitativo, do tipo relato de experiência, e tem como objetivo descrever o processo de implantação de um grupo psicoeducativo e suas dificuldades decorrentes do uso de Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) e produzir uma reflexão acerca do processo vivido pelas alunas. Construir e executar ações durante a graduação, coloca o acadêmico como protagonista de seu processo formativo e oferece espaços para experimentar seus recursos pessoais e habilidades enquanto futuros profissionais. Durante a pesquisa verificou-se que a utilização de TICs para a realização das ações influenciaram no desenvolvimento e na qualidade da intervenção. O protagonismo experienciado pelas alunas pesquisadoras proporcionou o aprendizado acerca do manejo de situações imprevisíveis e, sobretudo, identificar os desafios e demandas que atravessam o cotidiano das mães sociais da instituição pesquisada.

Palavras-chave: Grupo Psicoeducativo. Mães sociais. Cuidador. Instituição de Acolhimento Infantil. Formação Acadêmica.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	7
2	METODOLOGIA.....	7
2.1	CONHECENDO O TIPO DE ASSISTÊNCIA NA MODALIDADE SERVIÇO DE ACOLHIMENTO INFANTIL À CRIANÇAS COM SEUS DIREITOS VIOLADOS .	9
3.	RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	11
3.1	OS BASTIDORES.....	12
3.2	DA EXPERIÊNCIA DO CONTATO VIRTUAL.....	14
3.3	DOS EFEITOS PRODUZIDOS PARA A FORMAÇÃO DAS ALUNAS.....	16
3.4	ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O PROCESSO DAS MÃES SOCIAIS	17
4.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	18
	REFERÊNCIAS.....	20
	ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE).....	23
	ANEXO B – AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL	24
	ANEXO C – TERMO DE CONFIDENCIALIDADE	25

1. INTRODUÇÃO

Este estudo apresenta o relato de experiência vivido por duas alunas formandas, supervisionadas por uma docente do curso de Terapia Ocupacional na elaboração e execução de atividades que foram efetuadas em uma instituição de acolhimento infantil na modalidade casa-lar, como atividades de pesquisa para a o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), da graduação em Terapia Ocupacional.

A experiência vivida aconteceu na modalidade de grupos psicoeducativos para mães sociais numa casa lar.

Tendo os grupos psicoeducativos como “objetivo conhecer as crenças, ideias e sentimentos de seus participantes, visando a reflexão das experiências e a mudança da realidade, por meio de aspectos educativos e da estimulação de novas aprendizagens e da comunicação no grupo” (ARANTES, PICASSO e SILVA, 2019). Neste sentido, entende-se que é preciso oferecer também espaços para discutir o cuidado com quem cuida, frente as angústias produzidas pelas características da população assistida e também do próprio grupo de trabalho.

As mães sociais foram escolhidas pelos interesses das pesquisadoras e pela identificação da necessidade de acolhimento apresentadas por estas, e de serem provocadas a pensar acerca da prática profissional e do autocuidado.

Este relato de experiência tem como objetivo descrever o processo de implantação de um grupo psicoeducativo e suas dificuldades decorrentes do uso de Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) e produzir uma reflexão acerca do processo vivido pelas alunas.

Para este trabalho, os resultados serão apresentados no formato de um relato de experiência que será narrado em quatro partes, sendo elas: Os bastidores; Da experiência do contato virtual; Dos efeitos produzidos para a formação das pesquisadoras; e Algumas considerações sobre o processo das mães sociais.

2 METODOLOGIA

O presente estudo possui caráter qualitativo e consiste em um relato de experiência das ações promovidas em uma instituição casa-lar. Estas ações foram registradas em de diário de campo e os dados foram interpretados por meio de análise de conteúdo.

O relato de experiência foi escolhido como estratégia de apresentação porque oferece um lugar “de fala e seu tempo histórico, tudo isso articulado a um robusto arcabouço teórico, legitimador da experiência enquanto fenômeno científico” (DALTRO; FARIA, 2019, p. 235).

Para o registro das atividades foi utilizado o diário de campo, em que foi possível descrever o que se passou durante as atividades, detalhando aspectos das ações e garantindo as manifestações dos “interlocutores, do grupo e do ambiente estudado” (GERHARDT e SILVEIRA, 2009, p. 76).

Já para analisar os resultados foi utilizada a metodologia de análise de conteúdo, já que esta ofereceu às pesquisadoras a compreensão do “sentido de uma comunicação, observando quer seu conteúdo manifesto, quer seu conteúdo latente, significações explícitas ou ocultas” (MARCONI; LAKATOS, 2017, p. 307).

A análise se deu em três etapas: pré-análise, exploração do material e tratamento de resultados (CÂMARA, 2013). A primeira etapa (pré-análise) foi a fase de organização, em que foram definidos os procedimentos de trabalho envolvendo um primeiro contato com a leitura dos diários de campo das pesquisadoras. A segunda fase foi o momento de exploração do material, através do qual as pesquisadoras aprofundaram-se nas narrativas dos sujeitos do estudo. Na terceira fase foram trabalhados os resultados, que incluem a inferência e interpretação. (CÂMARA, 2013)

O local onde se deu a experiência do grupo psicoeducativo foi uma instituição de acolhimento infantil, na modalidade casa-lar, de um município localizado na região central do Rio Grande do Sul, RS.

A casa-lar da presente pesquisa, é administrada e sustentada por uma Organização não Governamental (ONG). Está localizada no âmbito de um bairro do município, contando com quatro casas e um edifício administrativo dentro de um mesmo terreno. Até o final da pesquisa a instituição contava com nove funcionários, um(a) coordenador(a), um(a) administrador(a), um (a)assistente social, um(a) psicólogo(a), uma pessoa encarregada da manutenção e quatro mães sociais.

Neste contexto, o grupo psicoeducativo foi composto por quatro mães sociais que trabalham na instituição, sendo cada uma delas responsável por uma casa-lar, e a coordenadora, representante da equipe.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Santa Maria em 23/06/2020 com protocolo de número CAAE 33970520.60000.5346. A instituição e profissionais participantes tiveram seus direitos garantidos a partir da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecidos, sendo norteados pela Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012.

2.1 CONHECENDO O TIPO DE ASSISTÊNCIA NA MODALIDADE SERVIÇO DE ACOlhIMENTO INFANTIL À CRIANÇAS COM SEUS DIREITOS VIOLADOS

A Constituição Federal de 1988 garante, em seu artigo 227, que crianças e adolescentes são sujeitos de direitos e que estes devem ser garantidos (BRASIL, 1988, Art. 227). Para impulsionar essa medida foi criado em 1990 o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), sob forma da Lei nº 8.069, que dispõe sobre a proteção integral à criança e ao adolescente, e reafirma que o compromisso para garantir tais direitos é de responsabilidade conjunta da família, da sociedade e do poder público (BRASIL, 1990).

Quando têm seus direitos violados, em virtude de casos de abandono, negligência, violência física ou mental, maus tratos e exploração, as crianças e adolescentes, por determinação judiciária, são retirados de suas famílias naturais, como medida protetiva, e passam a ser assistidas pelo Serviço de Proteção Social Especial de Alta Complexidade, mais especificamente pelos Serviços de Acolhimento para Crianças e Adolescentes (BRASIL, 2009).

Dentre os Serviços de Acolhimento para Crianças e Adolescentes está o Acolhimento Institucional, que pode ser oferecido em duas modalidades, como o Abrigo Institucional e Casa-Lar. Estes serviços devem apresentar aspectos semelhantes ao de uma residência, promovendo um ambiente acolhedor, bem como condições institucionais para atendimento integral, devendo fornecer atendimentos personalizados e em pequenos grupos. Além disso, devem contribuir com a (re)integração da criança/adolescente na própria família ou no contexto familiar substituto, assim como na comunidade (BRASIL, 2009), considerando que o “cuidado dispensado aos acolhidos, se baseia em um respeito à história de vida das crianças e dos adolescentes, bem como de suas famílias” (BARBOSA, 2014, p. 52).

No caso da modalidade de serviço casa-lar, esta é definida como um

Serviço de Acolhimento provisório oferecido em unidades residenciais, nas quais pelo menos uma pessoa ou casal trabalha como educador/cuidador residente – em uma casa que não é a sua – prestando cuidados a um grupo de crianças e adolescentes afastados do convívio familiar por meio de medida protetiva de abrigo (ECA, Art. 101) [...] Esse tipo de serviço visa estimular o desenvolvimento de relações mais próximas do ambiente familiar, promover hábitos e atitudes de autonomia e de interação social com as pessoas da comunidade. Com estrutura de uma residência privada, deve receber supervisão técnica, localizar-se em áreas residenciais da cidade e seguir o padrão socioeconômico da comunidade onde estiverem inseridas. (BRASIL, 2009, p. 74)

As principais características das casas-lar são que, além de apresentar uma estrutura de residência privada e do menor número de crianças/adolescentes acolhidos por equipamento, conta com a presença de um educador/cuidador residente, isto é, que reside no local com as

crianças/adolescentes, e é responsável pela organização e rotina da casa. A presença do educador/cuidador residente, também tem o intuito de construir um ambiente similar ao de uma rotina familiar e proporcionar uma referência afetiva para os acolhidos, desse modo promovendo um ambiente com caráter menos institucional (BRASIL, 2009).

No contexto da presente pesquisa estes profissionais são as mães sociais, que precisam ter total compreensão sobre o serviço e seus respectivos usuários, além disso, é exigido que estas tenham escolaridade de nível médio e capacitação específica, de preferência ter experiência em atendimento a crianças e adolescentes e ainda trabalhar e residir na casa-lar (BRASIL, 2009). Estes critérios, que são nacionais, têm como finalidade regulamentar a organização e oferta desse serviço em todo o país (BRASIL, 2009).

É necessário muito esforço e dedicação, por parte dos profissionais, para que consigam manter um ambiente com condições favoráveis ao desenvolvimento das crianças/adolescentes, assim como prover cuidados para a superação de sofrimento decorrente de violência ou separação familiar, fortalecer a autonomia e cidadania, e preservar a privacidade e segurança das crianças/adolescentes (BARBOSA, 2014).

Ademais, o profissional deve estar motivado para a função que quer exercer, saber trabalhar em grupo, ter habilidade para o cuidado com crianças/adolescentes e capacidade para lidar com conflitos, frustrações e separações, ter disponibilidade afetiva e de escuta, empatia e em especial estabilidade emocional (BRASIL, 2009).

Reunir e sustentar todas estas características não é tarefa única e exclusiva do profissional que ocupa este lugar, pois também é responsabilidade de quem gerencia e administra estes espaços.

As ações de acolhimento e formação apresentam-se como um dos caminhos para a manutenção da qualidade deste tipo de assistência. O acolhimento pode constituir-se como uma ferramenta importante para qualificar as relações entre os atores envolvidos em uma intervenção, bem como compreender as demandas dos sujeitos assistidos (TEDESCO e JUNGES, 2013). Já as ações de formações devem ser realizadas de forma mais interdisciplinar possível, promovendo o diálogo entre os profissionais para buscar a integralidade do cuidado das crianças e familiares, “combinando diferentes abordagens em função das necessidades de cada família [...], [pois] nenhuma abordagem teórica ou profissão sozinha domina por inteiro a complexidade da primeira infância” (WENDLAND, 2017, p. 20).

Embora saiba-se da importância e da necessidade da formação para esses profissionais, a literatura traz que esta não é uma prática aplicada com frequência nos serviços. A falta de capacitação pode dificultar o exercício desse trabalho, visto que, inúmeras vezes estes

profissionais atendem crianças e famílias que se encontram em situações complicadas (WENDLAND, 2017), exigindo mais do que, supostamente, estariam preparados para fazer. Além disso, estes profissionais também possuem suas próprias famílias que também demandam cuidado, atenção e acolhimento.

Neste sentido, não se trata de, unicamente, preparar tecnicamente as profissionais para o trabalho, mas também oferecer acolhimento e reconhecimento quanto às possíveis demandas produzidas por questões afetivas.

Ademais, o grupo de pesquisa ofereceu um espaço de acolhimento e formação na modalidade de grupo psicoeducativo que contou com quatro encontros de uma hora cada. Nestes encontros estiveram presentes as quatro mães das quatro casas e a diretora da instituição. A ação aconteceu na modalidade online em virtude da pandemia de covid-19.

Posto isso, é sobre a realização deste grupo psicoeducativo que será efetuado o relato de experiências das pesquisadoras.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados serão apresentados a seguir a partir de quatro eixos intitulados: Os bastidores; Da experiência do contato virtual; Dos efeitos produzidos para a formação das pesquisadoras; e Algumas considerações sobre o processo das mães sociais. No entanto, a seguir, inicialmente será descrito como deu-se o processo de organização das alunas para a elaboração da intervenção com as mães sociais em um cenário de pandemia de covid-19, o qual exigiu adaptações nas formas de contato com o outro.

Como dinâmica operacional, as alunas pesquisadoras reuniam-se virtualmente por chamada de vídeo, com o intuito de organizar e dividir os assuntos que seriam abordados em cada dia da capacitação, visto que se encontravam em cidades diferentes e cumpriam as medidas de distanciamento social. Os encontros também eram utilizados para a construção das apresentações, posteriormente estas eram enviadas à orientadora para revisão. Nos dias das apresentações, que ocorriam à tarde, as alunas pesquisadoras reuniam-se virtualmente durante o período da manhã um último diálogo a respeito da temática. Ainda nesse espaço de tempo, entravam em contato com a coordenadora do local, que passava nas casas lembrando as mães sociais e verificando a disponibilidade das mesmas para o encontro. Após a confirmação da participação era esperado o horário de início da atividade e o sinal da coordenadora de que estavam prontas para começar, logo era criada uma sala de vídeo chamada através da plataforma Google Meet.

Por fim, ao todo foram realizados quatro encontros de, aproximadamente 1 hora cada, distribuídos entre os meses de outubro a dezembro de 2020.

Um dia após o término da intervenção, as alunas pesquisadoras enviaram para a instituição, os certificados impressos e uma lembrança (por meio de um serviço de entrega) como símbolo de agradecimento e afeto pela acolhida. Neste mesmo dia a coordenadora da instituição enviou uma mensagem (via *WhatsApp*) para uma das alunas, em que agradecia por tudo o que foi feito, segundo ela “com muito amor e carinho”.

O presente tópico foi estruturado de modo a apresentar o relato de experiência a partir de quatro eixos denominados pelas alunas pesquisadoras como: Os bastidores; Da experiência do contato virtual; Dos efeitos produzidos para a formação das alunas pesquisadoras; e Algumas considerações sobre o processo das mães sociais.

3.1 OS BASTIDORES

A proposta de uma pesquisa acadêmica, principalmente vinculada ao término da graduação, está, normalmente, associada à angústia do pouco tempo para sua realização e ao desejo de produzir-se algo que faça sentido e que contribua para qualificar a atuação da profissão.

Junto a estes sentimentos já naturalizados, agregou-se também o inserto sobre como efetivar a pesquisa com a instalação do isolamento e/ou afastamento social. Como as alunas pesquisadoras estavam tendo experiência com atendimentos/acompanhamentos on-line em outras atividades, o grupo decidiu seguir com a pesquisa, porém buscando novos objetivos e apresentando uma proposta de trabalho on-line. O contato com as mães sociais antes mesmo do início da intervenção foi fundamental, pois foi possível identificar a demanda do grupo e, deste lugar, buscar recursos para a construção de um projeto que se aproximasse do campo e não de uma pesquisa produzida unicamente pelo interesse das alunas pesquisadoras.

Refletindo sobre o que eram os objetivos propostos pelas alunas pesquisadoras, no início do projeto (conhecer os recursos materiais e humanos e avaliação do desenvolvimento das crianças), e para onde estes objetivos foram sendo dirigidos quando as mães sociais foram escutadas (obter conhecimento acerca da temática do desenvolvimento infantil, para qualificar as práticas profissionais), foi possível pensar a importância de se escutar o sujeito implicado em uma pesquisa que tem um cunho de intervenção.

Deste processo pôde-se refletir sobre o que afirma Boaventura de Souza Santos em seu livro intitulado “Um discurso sobre as ciências” em que se pode re-subjetivar o conhecimento

científico a partir de um saber prático (SANTOS, 2004, p. 87). A cada orientação de pesquisa compreendia-se a necessidade de relatar o processo vivido, tanto dos sujeitos quanto das alunas e sua orientadora. Considerando que na formação acadêmica “A cada momento, a própria realidade deve ser o objeto do aprendizado, havendo lugar para o previsto e o imprevisto, o conhecido e o desconhecido, o já experimentado e o novo” (WERNECK; SENNA; DRUMOND; LUCAS, 2010, p. 229), a aprendizagem também aconteceu através da experiência prática.

Como mencionado anteriormente, foi a partir das demandas levantadas pelas mães sociais no primeiro encontro que se elaborou a proposta de intervenção apostando em uma qualificação profissional e na temática do cuidado com o cuidador, uma vez que: a) possibilita o aperfeiçoamento dos conhecimentos que o sujeito já possui, permitindo o seu desenvolvimento na profissão (ANDRÉ, 2015); b) uma intervenção que também se atenta aos cuidados de quem cuida do outro pode vir a oportunizar o entendimento aos profissionais, sobre os indicadores da sobrecarga e suas consequências, possibilitando que os mesmos criem estratégias para evitá-la ou amenizá-la, considerando que “para que o/a cuidador (a) desempenhe seu papel de cuidar de forma satisfatória, é necessário estimular, primeiramente, o seu autocuidado, fomentando atividades de lazer, bem-estar, autonomia e protagonismo” (MACHADO et al., 2020, p. 66).

Entre as demandas solicitadas pelas mães sociais, o tema sobre desenvolvimento infantil não era de domínio das alunas pesquisadoras, dessa maneira foi necessário ir em busca de material teórico para a produção de conteúdo a ser apresentado.

Este período foi importante pois, em sendo o final da graduação, as alunas puderam experimentar seus recursos pessoais para o reconhecimento de um saber já existente e para a produção de um novo conhecimento. Isso aconteceu desde a busca e produção de conteúdo até a prática que as colocariam o mais próximo do encontro entre pesquisadoras e sujeitos. A atividade em questão foi uma das primeiras experiências em que as alunas pesquisadoras tiveram a oportunidade de se colocarem como protagonistas de uma intervenção, com autonomia e independência. Aqui o termo “autonomia” está para indicar a “capacidade do aluno de saber organizar e planejar seus estudos, buscar fontes de informação fidedignas” (BEHAR, apud SILVA, 2019, p. 21).

Apesar do “frio na barriga”, algo que pode ser comum quando se está prestes a iniciar uma atividade pela primeira vez junto a pessoas que depositam sobre você expectativas frente a mensagem apresentada, pode-se dizer que não foi uma tarefa difícil estar frente às mães sociais. Uma das alunas pesquisadoras, por sua experiência em um projeto de extensão, o qual

sempre a convocou a ações em que necessitava falar em público, bem como mediar grupos, palestras e discussões, sentiu-se, razoavelmente, tranquila para este encontro.

A outra aluna pesquisadora, apesar de já ter participado de ações práticas, estava pela primeira vez como protagonista, o que causou nervosismo. Porém o fato de ter uma companheira com mais experiência, e que a acolhia e a incentivava, permitiu sentir-se mais confiante a cada encontro. Ademais, ambas haviam estudado anteriormente, e haviam recebido um parecer positivo da orientadora sobre o material produzido. Isso contribuiu para que pudessem discorrer sobre as temáticas com propriedade e estar preparadas para responder os questionamentos que poderiam surgir.

Neste sentido, o trabalho colaborativo entre a dupla de alunas pesquisadoras foi de grande valor sob a perspectiva acadêmica, em que uniram os seus saberes a favor de um processo indispensável para a conclusão do curso. Porém, também importante do ponto de vista pessoal, em que as mesmas, que já possuíam um vínculo afetivo, fortaleceram-se de forma mútua. Além disso, destaca-se a importância do trabalho realizado de forma conjunta, o qual exige uma boa relação entre os atores envolvidos, que devem planejar as ações de forma harmônica (PEDUZZI; AGRELI, 2018).

A idealização de trabalho em equipe trazida por Peduzzi e Agreli (2018), vai de encontro com os movimentos que a Terapia Ocupacional realiza para buscar uma formação que preze pela construção coletiva das ações (FURLAN, 2014).

Outrossim, no âmbito das Instituições de Ensino Superior (IES), a Terapia Ocupacional é instruída a formar seus discentes, de modo a estimular seu protagonismo e valorizar suas experiências adquiridas por meio das vivências (FURLAN, 2014). Mas para tanto, entende-se que é necessário levar em consideração os aspectos individuais dos sujeitos em processo de formação, que não chegam na academia despidos de suas histórias de vida. Cruz e Campos (2004), defendem que no processo de formação em Terapia Ocupacional não se pode dissociar os aspectos pessoais do aluno, os quais estão a influenciar o seu processo de aprendizagem. Nessa direção, a prática desenvolvida pelas alunas pesquisadoras, foi resultado de uma longa jornada de aprendizados, de valorização por parte da docência e das oportunidades de desenvolverem habilidades inerentes ao processo de construção do(a) Terapeuta Ocupacional, considerando e respeitando sua singularidade.

3.2 DA EXPERIÊNCIA DO CONTATO VIRTUAL

O contexto de pandemia levou a comunidade acadêmica a ressignificar as formas de dar continuidade às suas atividades, o mesmo ocorreu para realização desta pesquisa, a qual o uso da tecnologia se tornou essencial para facilitar os encontros. As TICs, no atual cenário de pandemia, passaram a ser fundamentais (LEIDEMER; PERUZZOLO, 2021). No entanto, as falhas que as próprias TICs apresentaram, levaram as alunas a se questionarem se estes ocorridos podem ter, de alguma forma, prejudicado a ação proposta.

Sendo o uso das TICs, ainda um desafio para muitas pessoas, como afirma Cordeiro (2020), levou-se em consideração que nem todas as pessoas possuem familiaridade com os aparelhos eletrônicos e plataformas digitais. No entanto, a coordenadora do local, gentilmente se pôs a auxiliar em todos os momentos em que houve imprevistos advindos do uso de tais tecnologias. As alunas, que apesar de possuírem certo domínio para encarar as TICs, também enfrentaram dificuldades quando os seus próprios eletrônicos apresentaram falhas. Nessa perspectiva, a mesma autora destaca que “as ferramentas remotas precisam ter parâmetros de qualidade, para que tenham maior eficácia” (CORDEIRO, 2020).

Prevaleceu então, entre as alunas pesquisadoras, a ideia de que a ação por intermédio das TICs, neste caso, apresentou-se como um dos fatores que prejudicaram a qualidade da intervenção.

Os efeitos de plano de fundo, por exemplo, utilizado pela instituição para esconder o ambiente da sala e mostrar somente as mãos sociais, atrapalharam a interpretação da comunicação não-verbal projetada por elas. Isso porque esses efeitos eventualmente cobriam a maior parte de seus corpos e, até mesmo, seus rostos. De encontro a isto, Castro (2005, p. 17) afirma que

[...] o vínculo com alguém é imprescindível para o acontecer humano. O outro interage conosco, responde ou não as nossas ações e, por sua vez, provoca respostas em nós. [...] se estabelece através de um sistema de poderosas conexões, superficiais corporais, linguagem, olhares, sentimentos, fazeres, constância, intensidade, intimidade emocional, são algumas formas de sua manifestação.

Isso tudo, somado à falta de constância entre os encontros também contribuiu para a insuficiência do vínculo. Embora houvesse momentos de diálogo e trocas de experiências entre as mãos sociais e alunas pesquisadoras, não foi possível sustentar a relação. Para que isso ocorra, é necessário estar presente, estar próximo, proporcionando a experiência de continuidade física e psíquica para o outro (CASTRO, 2005).

Ao final deste processo, em orientação de pesquisa, as alunas identificaram o pouco envolvimento das mãos sociais nos momentos de abertura para o diálogo. Isso foi motivo de

surpresa para as alunas pesquisadoras, que esperavam o surgimento de dúvidas, compartilhamento de experiências e trocas de saberes, de forma mais recorrente, visto que os temas apresentados partiram das próprias trabalhadoras.

Embora tenha sido aflitivo perceber que o envolvimento das mães sociais não contemplou as expectativas das alunas pesquisadoras, após refletir sobre o processo da capacitação, compreendeu-se que, assim como para as alunas pesquisadoras, o mesmo pode ser considerado para as mães sociais em relação ao uso das TICs como fator negativo para a atividade proposta. Tendo em mente que se encontravam à frente de um monitor assistindo a apresentações por slide e, por mais que esses fossem pensados para não serem conteudistas e entediantes, é algo que não está na rotina dessas mulheres, que estão habituadas a estarem em movimento o dia inteiro. Também poderiam encontrar ali, naquele momento, a possibilidade de descanso que não encontram em seu cotidiano, que é sobrecarregado devido às demandas da profissão que exercem, dessa forma influenciando o pouco envolvimento observado.

3.3 DOS EFEITOS PRODUZIDOS PARA A FORMAÇÃO DAS ALUNAS

No que tange às práticas do terapeuta ocupacional, este tem o compromisso de desenvolver ações que promovam saúde e assistência de forma integral, e isto pode ser efetivado através de ações educativas, de forma a garantir que seus assistidos tenham ao seu alcance informações e orientações confiáveis (SERPA, LIMA, e SILVA, 2018). Desse modo, a oportunidade de produzir e oferecer uma web capacitação possibilitou que as alunas pesquisadoras se visualizassem como futuras profissionais, exercitando habilidades necessárias para a prática profissional, como compromisso, responsabilidade, comunicação e protagonismo, que são elementos que as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) do Curso de Graduação em Terapia Ocupacional preconizam para a formação de terapeutas ocupacionais no território brasileiro (DCN, 2002). Ademais, as DCNs, também recomendam que as experiências práticas sejam realizadas com diferentes grupos populacionais e nos diferentes equipamentos sociais e de saúde, o que, com essa vivência, proporcionou às alunas pesquisadoras a oportunidade de conhecer mais sobre uma instituição de acolhimento infantil e o seu funcionamento na prática.

Neste caso, percebeu-se que a proposta da capacitação, reverberou em uma experiência rica para as alunas pesquisadoras, em que tiveram a oportunidade de estarem na posição de quem planeja uma intervenção, organiza os conteúdos, mas também de quem revê as ações frente aos obstáculos que aparecem no dia a dia.

Deste modo, os encontros com as mães sociais contribuíram para a ampliação do repertório de práticas das alunas, ainda que esta ação em específico tenha sido realizada virtualmente.

Nessa direção, Carvalho e Farbiarz (2016, p. 47) apontam para a importância do desenvolvimento de “novos ambientes de aprendizagem”, entretanto, as alunas pesquisadoras ao se engajarem neste novo desafio, passaram a ter o entendimento de que tais ambientes devem ser minuciosamente analisados, considerando que estes podem vir a interferir na comunicação dos atores envolvidos.

Neste mesmo contexto, pensando no envolvimento das mães sociais com a atividade, Roman et al (2017, p. 350) sugerem que, práticas de ensino bem-sucedidas envolvem “conversar, debater, ilustrar, reproduzir, dramatizar, ensinar e expor ideias resumidas”. No entanto, para que haja essa interação e dinamicidade proposta pelo autor, se faz necessária a participação ativa de todos os atores envolvidos na ação. Isso encaminhará a prática de uma forma que não se resuma a um ato mecanicista que coloca o sujeito que ouve em uma posição de passividade frente ao conhecimento ali explanado, mas sim, vivenciá-la de forma prazerosa por todos os que estão engajados no processo. Farias e Lopes (2020, p. 1350), à luz de Paulo Freire, trazem uma reflexão acerca da educação como prática da liberdade, onde esse “conceito é colocado enquanto perspectiva de uma práxis progressista, pautada na emancipação dos sujeitos que vivenciam processos de opressão e desumanização [...]”, a qual é o oposto dos processos educativos que veem o espectador como sujeito passivo do processo. Os autores ainda referem que “o sentido da educação como prática da liberdade perpassa todos os processos do encontro e do fazer com o outro, onde um e outro são sujeitos ativos”, fortalecendo a ideia de que o sujeito também é protagonista na sua formação (FARIAS; LOPES, 2020, p. 1350).

3.4 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O PROCESSO DAS MÃES SOCIAIS

Apesar de, ao longo das ações não ter havido demanda para o apoio terapêutico ocupacional para os bebês e crianças, foi possível observar que as mães sociais estão atentas no desenvolvimento destes sujeitos, considerando que relataram perceber quando alguns são “mais espertos” do que outros e que também “há interesse por parte de todas, em aprender e fazer o seu melhor”, diz a diretora do local. Dessa maneira acredita-se que a formação sobre o desenvolvimento infantil tenha sido significativa para reforçar e dar continuidade aos conhecimentos que elas já têm e que são obtidos através da prática profissional.

Quanto às atividades de cuidado com o cuidador, acredita-se que o grande intervalo de tempo entre um encontro e outro, devido as solicitações de adiamento por parte da instituição, dificultaram a criação de vínculo com as mães sociais, interferindo na qualidade da intervenção. Entretanto, observou-se nas narrativas das trabalhadoras, demanda de cuidado com as mesmas na instituição, considerando a sobrecarga de trabalho e, sobretudo, as relações de vínculo construídas entre as mães sociais e os bebês que logo precisam ser desfeitas.

Falas como “a baixa autoestima é um sentimento que muitas vezes causa um sofrimento” e “sendo mães sociais, o nosso trabalho é cuidar dos outros, e não estando bem emocionalmente acaba o deixando mais difícil”, reafirmam a necessidade de a instituição seguir investindo no cuidado com as mães sociais, como investimento para a qualidade do cuidado com as crianças.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho traz o relato de experiência da oferta de um grupo psicoeducativo realizado de forma virtual com mães sociais de uma instituição de acolhimento infantil. Através dessa experiência foi possível contribuir com estas em relação a um conhecimento teórico específico de modo acessível. Além disso, conhecer sobre o desenvolvimento infantil ajuda a sustentar as práticas profissionais e contribui para a autoconfiança em relação a sua importância dentro das instituições.

Para as alunas planejar e efetuar um grupo psicoeducativo de modo online constituiu-se como um desafio, visto que essa nova experiência exigiu habilidades que não são enfatizadas durante a graduação, como o uso das TICs em intervenções, considerando que estas são pouco abordadas no âmbito dos cursos da área da saúde, pois os mesmos exigem a presencialidade em suas práticas.

Na condição de futuras profissionais, as alunas pesquisadoras puderam vivenciar o protagonismo de coordenar uma intervenção, aprender a manejar situações imprevisíveis e, sobretudo, identificar os desafios e demandas que atravessam o cotidiano das mães sociais da instituição pesquisada.

Isso contribuiu para a formação pois, a experiência serviu para que as alunas pesquisadoras compreendessem que as intervenções estão sujeitas a falhas, na qual o(a) profissional, no encontro com o outro, não necessariamente irá conseguir superar as expectativas do sujeito, cabendo a tal profissional, fazer novos investimentos frente às demandas existentes.

Ademais, essa pesquisa tem o intuito de contribuir com a construção do conhecimento acerca dos temas levantados.

REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, M. Políticas de formação continuada e de inserção à docência no Brasil. **Educação Unisinos**, São Leopoldo, Brasil, vol. 19, n. 1, p. 35 - 38, jan./abr., 2015.
- ARANTES, D. J.; PICASSO, R.; SILVA, E. A. Grupos psicoeducativos com familiares dos usuários de um Centro de Atenção Psicossocial. **Pesquisas e Práticas Psicossociais** 14(2), São João del-Rei, abril-junho de 2019.
- BARBOSA, M. C. R. **O trabalho em Instituições de Acolhimento Institucional**: demandas e necessidades para uma formação profissional continuada. 2014. 125 f. Dissertação (Mestrado em Mestrado profissional em Gestão Social e Educação) - Centro Universitário Uma, Belo Horizonte, 2014.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 5 de out. de 1988.
- BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente**. Lei federal número 8.069, de 13 de julho de 1990.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Resolução CNE/CES 6**, Institui Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Terapia Ocupacional, de 19 de fevereiro de 2002.
- BRASIL. **Orientações técnicas**: serviços de acolhimento para crianças e adolescentes. Brasília: Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente e Conselho Nacional de Assistência Social, 2009.
- CÂMARA, R. H. Análise de conteúdo: da teoria à prática em pesquisas sociais aplicadas às organizações. **Revista Interinstitucional de Psicologia**. Brasília, v. 6, n. 2, p. 181 – 191, jul./dez. 2013.
- CARVALHO, A.; FARBIARZ, A. A distância ou presencial: novos ambientes de aprendizagem. In: FARBIARZ, J. L.; FARBIARZ, A.; HEMAIS, B. J. W. In: **Design para uma educação inclusiva**. São Paulo: Blucher. Cap. 4, p. 47 – 50, 2016.
- CASTRO, E. D. Inscrições da relação terapeuta-paciente no campo da terapia ocupacional. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 16, n. 1, p. 14-21, jan./abr., 2005.
- CORDEIRO, K. M. A. O impacto da pandemia na educação: a utilização da tecnologia como ferramenta de ensino. **Faculdades IDAAM**. p. 1 - 4, 2020. Disponível em: <http://repositorio.idaam.edu.br/jspui/handle/prefix/1157>. Acesso em: 19 de mai. 2021.
- CRUZ, D. M. C.; CAMPOS, L. O. A opinião de estudantes de terapia ocupacional sobre o processo de sua formação profissional. **Cadernos da Terapia Ocupacional da UFSCar**, v. 12, n. 2, p. 105 - 113, 2004.
- DALTRO, M. R. FARIA, A. A. de. Relato de experiência: Uma narrativa científica na pós-modernidade. **Estud. pesqui. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 223-237, jan. 2019.

FARIAS, M. N.; LOPES, R. E. Terapia ocupacional social: formulações à luz de referenciais freirianos. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**. 28(4), 1346-1356, 2020.

FURLAN, P. G. et al. A formação profissional de terapeutas ocupacionais e o curso de graduação da universidade de Brasília, faculdade de Ceilândia. **Cad. Ter. Ocup. UFSCAR**, São Carlos, v. 22, n. 1., p. 109 - 116. 2014.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. Estrutura do Projeto de Pesquisa. In: GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de Pesquisa**. 1. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Cap. 4, p. 67 – 76.

LEIDEMER, D. C.; Peruzzolo, D. L. Telessaúde e terapia ocupacional. **Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup.** vol. 2, n. 5, p. 266 – 273, 2021.

MACHADO, R. C. et al. Ações de extensão do programa de apoio aos cuidadores da terapia ocupacional – PACTO. **Revista Barbaquá de extensão e cultura**. vol. 3, n. 5, p. 52- 66, jan./jul. 2020.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. Metodologia qualitativa e quantitativa. In: MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia Científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas. Cap. 8, p. 295 – 348, 2017.

PEDUZZI, M.; AGRELI, H. F. Trabalho em equipe e prática colaborativa na atenção primária à saúde. **Interface. Botucatu**. vol. 22, supl. 2. p. 1525 - 1528, 2018.

ROMAN, C. et al. Metodologias ativas de ensino-aprendizagem no processo de ensino em saúde no Brasil: uma revisão narrativa. **Clin Biomed Res**. vol. 37, n. 4, p. 349 – 350, 2017.

SANTOS, B. S. **Um discurso sobre as ciências** / Boaventura de Sousa Santos. —. 2. ed. - São Paulo: Cortez, 2004.

SILVA, J. M. **Proteção à infância através da aplicação do instituto da mãe social**. 2018, 66 f. Trabalho de conclusão de curso (Bacharel em Direito) - Universidade Federal de Campina Grande, Sousa, PB, 2018.

SILVA, H. C. P. **A formação da autonomia no ambiente virtual de aprendizagem**. 2019, 59 f. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura Plena em Pedagogia) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB, 2018.

SERPA, E. A.; LIMA, A. C. D.; SILVA, A. C. D. Terapia ocupacional e grupo hiperdia. **Cad. Bras. Ter. Ocup.**, São Carlos, v. 26, n. 3, p. 680-691, 2018.

TEDESCO, J. R.; JUNGES, J. R. Desafios da prática do acolhimento de surdos na atenção primária. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 29(8):1685-1689, ago, 2013.

VALENTE, G. S. C; MORAES, É. B.; SANCHEZ, M. C. O.; SOUZA, D. F.; PACHECO, M. C. M. D. O ensino remoto frente às exigências do contexto de pandemia: Reflexões sobre a prática. **Research, Society and Development**. v. 9, n. 9, p. e843998153, 2020. DOI: 10.33448/rsd-v9i9.8153. Disponível em: <https://www.rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/8153>. Acesso em: 11 mar. 2021.

WENDLAND, J. Cuidadores da Primeira Infância: por uma formação de qualidade. In. BARR, M. A. Org. **Cuidadores da Primeira Infância**: por uma formação de qualidade. Brasília; Senado Federal; Comissão de Valorização da Primeira Infância e Cultura da Paz, 2017.

WERNECK, M. A. F.; SENNA, M. I. B.; DRUMOND, M. M.; LUCAS, S. D. Nem tudo é estágio: contribuições para o debate. **Revista Ciência e saúde Coletiva** 2010;15(1):221-231.

ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)**Autorização**

Eu, Michelle da Silva, após a leitura ou a escuta da leitura deste documento e ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável para esclarecer todas as minhas dúvidas, estou suficientemente informado, ficando claro para mim que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento, sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido, dos possíveis danos ou riscos deles provenientes e da garantia de confidencialidade. Diante do exposto e de espontânea vontade, expresso minha concordância em participar deste estudo e assino este termo em duas vias, uma das quais foi-me entregue.

Assinatura do voluntário

Michelle da Silva

Assinatura da responsável pela obtenção do TCLE

Santa Maria/RS

Don Loure Peruzzo

ANEXO B – AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL**AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL**

Eu, Michele Oliveira, abaixo assinado, responsável pela Aldeias Infantis SOS Brasil - SM, RS autorizo a realização do estudo "O Desenvolvimento Neuropsicomotor de Crianças em Acolhimento Institucional na Primeira Infância", a ser conduzido pelos pesquisadores Dani Laura Peruzzolo e Thais Cristina Santos Melo.

Fui informado, pelo responsável do estudo, sobre as características e objetivos da pesquisa, bem como das atividades que serão realizadas na instituição a qual represento.

Esta instituição está ciente de suas responsabilidades como instituição co-participante do presente projeto de pesquisa e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos sujeitos de pesquisa nela recrutados, dispondo de infraestrutura necessária para a garantia de tal segurança e bem-estar.

Data 06/12/19

Michele Oliveira
Assinatura e carimbo do responsável institucional

35.797.364/0008-03
Aldeias Infantis SOS Brasil
Rua Roberto Romano, 355
Parque Dom Antonio Ruiz
CEP 97065-310
SANTA MARIA - RS

ANEXO C – TERMO DE CONFIDENCIALIDADE**TERMO DE CONFIDENCIALIDADE**

Título do projeto: O Desenvolvimento Neuropsicomotor de Crianças em Acolhimento Institucional na Primeira Infância

Pesquisador responsável: Dani Laura Peruzzolo

Instituição: Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

Telefone para contato:(55) 3220 9584

Local da coleta de dados: Instituições de Acolhimento Infantil de Santa Maria: Aldeia SOS e Lar de Miriam

Os responsáveis pelo presente projeto se comprometem a preservar a confidencialidade dos dados dos participantes envolvidos no trabalho, que serão coletados por meio de entrevista semiestruturada que será construída e efetuada pela pesquisadora, da observação participante com a intenção de explorar e compreender a dinâmica de funcionamento do local e dos instrumentos bem como a Escala Bayley-III, utilizada para avaliar o funcionamento do desenvolvimento de bebês e criança pequenas entre 01 e 42 meses e o Protocolo de Indicativo de Risco Infantil (IRDI), que aponta os riscos psíquicos e de desenvolvimento do bebem instituições de acolhimento infantil do Município de Santa Maria, no período de setembro de 2019 a julho de 2020.

Informam, ainda, que estas informações serão utilizadas, única e exclusivamente, no decorrer da execução do presente projeto e que as mesmas somente serão divulgadas de forma anônima, bem como serão mantidas no seguinte local: UFSM, Avenida Roraima, 1000, prédio 26D, Departamento de Terapia Ocupacional, sala 4012, 97105-970 - Santa Maria - RS, por um período de cinco anos, sob a responsabilidade de Dani Laura Peruzzolo, após este período os dados serão destruídos.

Este projeto de pesquisa foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFSM em 23/06/2020, com o número de registro Caae 33970520.60000.5346.

Santa Maria 27 de agosto de 20 21.



Assinatura do pesquisador responsável